

Cedo, muito cedo, um mágico objecto, de cores vivas e sons estranhos invadiu o ritual do banho diário, e, durante longos meses, passou a ser companhia inseparável daqueles momentos em que I. se deliciava com a água morna que lhe escorria pelo corpo ao mesmo tempo que folheava aquele objecto de plástico ao qual a mãe chamava "livrinho".

Do plástico ao papel foi um ápice, o formato e os sons continuavam a seduzi-la, o cheiro e o sabor do papel exerciam nela uma atracção irresistível ao ponto de devorar folhas e folhas, invariavelmente as últimas, de inúmeros volumes da colecção Vampiro, impedindo, assim, que os crimes investigados pelo inspector Maigret ou pelo conhecido advogado Perry Mason fossem desvendados por quem, depois, os quisesse ler.

Desde então não mais conseguiu libertar-se de tal companhia. Ano após ano, ao longo de uma vida cheia de aventuras e desventuras, o livro tem sido o amigo leal e sempre presente nas horas boas e más fazendo rir, chorar, pensar e reflectir, ensinando, desvendando os segredos do universo, revelando um pouco da vida de cada um de nós.

De casa para o trabalho, no autocarro, devora com avidez as páginas do livro que casualmente e à pressa retirou da estante, nas longas viagens de comboio que, por obrigação profissional, faz com frequência, devora livros inteiros; nos momentos de lazer o livro ocupa lugar de destaque; no trabalho ajuda a descobrir soluções e a tomar decisões. Este estreito relacionamento só termina, quando, ao fim do dia, extenuada, já na cama, folheia o livro que a mão alcança na mesinha de cabeceira, até cair num sono profundo, merecido.

Na Biblioteca passa a maior parte do seu dia, escasso, contudo, para dedicar ao livro o tempo que ele merece. Por estranho que pareça, é na Biblioteca, local onde vivem, convivem e sobrevivem as histórias de cada um de nós e a História de todos nós, que I. mantém uma posição de maior

distanciamento e frieza em relação a este amigo de todos os momentos.

Diariamente, na Biblioteca, trava consigo própria uma luta titânica para manter com ele uma relação puramente profissional; ocasionalmente distrai-se, I. não resiste à tentação e lê, aqui e além, algumas passagens de alguns dos livros que, às dezenas, todos os dias lhe passam pelas mãos.

Descobre-os, folheia-os, consulta os sumários, os índices, por vezes, lê os prefácios e as introduções, conhece-lhes a cor das capas, identifica-lhes o conteúdo, atribui-lhes a localização, divulga-os, publicita-os, dá-os a ler.

Os milhares e milhares de livros, arrumados e alinhados em estantes e prateleiras, num infindável jogo de cores, são o seu mundo; conhece-os, acarinha-os, protege-os mas infelizmente, na Biblioteca, não lhes pode oferecer aquilo por que eles mais anseiam: o prazer de os ler -**I. é Bibliotecária**

João Leite